

MASCULINIDADES E SEUS EFEITOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER – PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Eixo Temático 36 – VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E O NEOCONSERVADORISMO – A PESQUISA COMO MODO DE RESISTÊNCIA

André Luiz dos Santos Silva¹
Ariane Correa Pacheco²
Maria Angelita Cordeiro³
Diênifer Monique da Conceição⁴
Rômulo Henrique Kunzler⁵

RESUMO

Este texto reúne alguns dos resultados de pesquisa que têm sido produzidas junto ao Grupo de Estudos Sobre Relações de Gênero, Violência e Escola. O projeto que recebe o apoio financeiro do CNPq busca investigar as relações de gênero em escolas localizadas em regiões de alto índice de queixa-crime de violência doméstica e familiar contra mulheres. Aqui, tentamos colocar em relevo dados do nosso processo investigativo que nos ajudam a pensar a relação entre masculinidades e violência num contexto muito específico. Tentamos argumentar que a violência, para alguns rapazes e homens daquela comunidade se constitui como um recurso que constrói e reconstrói a honra, reifica hierarquias e pune aquelas que transgridem relações de gênero instituídas e naturalizadas.

Palavras-chave: Masculinidades; Violência; Gênero; Violência Doméstica e Familiar.

INTRODUÇÃO

Este texto reúne alguns dos resultados de pesquisa que têm sido produzidas junto ao Grupo de Estudos Sobre Relações de Gênero, Violência e Escola. O projeto que recebe o apoio financeiro do CNPq acontece em parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Feevale e busca investigar as relações de gênero em escolas localizadas em regiões de alto índice de queixa-crime de violência doméstica e familiar contra mulheres. Aqui, tentamos colocar em relevo dados do nosso processo

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – andrels@ufrgs.br

² Universidade Feevale – arianepacheco@feevale.br

³ Universidade Feevale

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁵ Universidade Feevale.

investigativo que nos ajudam a pensar a relação entre masculinidades e violência num contexto muito específico – uma região periférica, marcada pela vulnerabilidade social, historicamente marginalizada e negligenciada por parte do poder público do Município de Novo Hamburgo.

Metodologicamente, a identificação dessa região se deu pelo acesso aos endereços das queixas-crime de agressão, estupro, estupro de vulneráveis, tentativas de feminicídio e feminicídio disponibilizados pela Delegação Especializada de Atenção às Mulheres de Novo Hamburgo. Desse processo, foi possível mapear regiões de alta incidência de queixa-crime, estabelecer parcerias com as escolas e buscar compreender os modos como as relações de gênero se estabelecem ali.

Partimos do pressuposto que a violência de Gênero é uma prática significada pelas dinâmicas sociais que produz sentido para as relações estabelecidas entre os sujeitos. Assim, tentamos argumentar que a violência, para alguns rapazes e homens daquela comunidade se constitui como um recurso que constrói e reconstrói a honra, reifica hierarquias e pune aquelas que transgridem relações de gênero instituídas e naturalizada.

Para tentar sustentar o argumento estruturamos a fala em quatro eixos onde mobilizamos dados de pesquisas produzidas grupo que colocam em relevo as normas de gênero e as dinâmicas conflitivas entre diferentes sujeitos daquela comunidade.

EIXO 1 – NAMORADAS, ESPOSAS, MÃES, IRMÃS – A HONRA MASCULINA SOB PERIGO

Ao discutir os relacionamentos afetivos e suas relações com a violência doméstica e familiar, Maria Angelita Cordeiro (2018) coordenou um grupo focal com alunos e alunas do 7º ano do ensino fundamental, colocando em pauta temas como: cuidados com a casa, com os filhos e família, bem como práticas de lazer e sociabilidade. Entre as imagens e vídeos apresentados no grupo focal foi possível perceber a compreensão acerca do que significa ser uma mulher “relaxada” e uma “mulher pra casar”.

Para os garotos, códigos morais como vestimenta e boa conduta nos espaços públicos seria fundamental para distinguir o que é apropriado e inadequado para suas possíveis namoradas e esposas. A honra masculina parecia ser abalada pelas condutas desviantes de mulheres com proximidade de parentesco ou ainda aquelas que se relacionam com

eles afetivamente. Um dos rapazes foi categórico ao sinalizar que não permitiria à sua mãe o uso de roupas justas ou curtas. Em outro momento, um outro aluno hipoteticamente descreve a seguinte cena: imaginem “eu estou lá no bar com meus amigos e aí chega ela com uma saíha curta e vários homens olhando. Fica ruim né” um outro menino, a fim de finalizar o debate, dispara “minha namorada é crente não usa roupa curta”.

Em meio a esse debate um rapaz sinaliza sobre sua postura, caso a sua namorada despertasse os olhares de outros homens da comunidade: “aí eu vou estar cuidando, vou me preocupar com o que é meu”. Naquele momento a mediadora do grupo focal intervém: “então cada namorado que cuide da sua namorada, é isso?” Como resposta, os meninos unanimemente concordam.

Assim como nos aponta Cláudia Fonseca (2004), a honra masculina para aqueles rapazes está intimamente relacionada às condutas das mulheres que fazem parte de seus círculos mais próximos. Como mecanismo de manutenção dessa honra instaura-se um processo de vigília, nomeada pelos alunos da escola como cuidado acerca dos modos de se portar e se vestir de suas mães, irmãs e namoradas.

EIXO 2 – CUIDADOS COM A CASA E COM OS FILHOS – A VIOLÊNCIA COMO MECANISMO REGULADOR DAS CONDUTAS

Iniciamos esse eixo com uma fala de um dos rapazes do grupo focal: “Olha aí! Vê se isso tem cabimento!”, “Uma coisa é ser descuidada, ser relaxada é outra coisa”. Na ocasião os alunos e alunas assistiam a uma cena em que uma esposa/mãe se divertia em frente à TV enquanto a casa se apresentava nitidamente desorganizada.

Os cuidados com a casa e com os filhos se constitui para boa parte dos alunos e alunas da escola como reponsabilidade principalmente das mulheres. Os homens, segundo eles, podem e devem colaborar com os afazeres domésticos, mas a responsabilidade precípua não parecia ser deles. Nesse processo os alunos e alunas da escola vão nos dizendo sobre expectativas de gênero que informam sobre o que adequado, tolerado e inconcebível para as mulheres. As práticas de divertimento, segundo eles, poderiam ser adotadas pelas mulheres e mães após a conclusão das tarefas domésticas diárias. Segundo um aluno: “não que ela não possa ter um tempo só dela, mas primeiro ela tem que cuidar da casa e dos filhos”. A condição de relaxada, adjetivo atribuído às mulheres

que não cumprem com seus “deveres”, parece se constituir como marca que deve ser evitada pelas meninas e instrumento mobilizado pelos meninos para organizar o “mercado do casamento” naquela comunidade. Segundo um dos rapazes: “pra começar que eu não ia nem casar com uma mulher que não é muito de cuidar e arrumar as coisas”.

Mais uma vez, quando a mulher relaxada compõe o círculo próximo de relações familiares ou afetivas dos rapazes, a “má conduta” dessas mulheres deve ser corrigida. Em um grupo focal organizado por pessoas vindas da Universidade, a violência não foi mencionada como prática capaz de regular a conduta das mulheres. Apesar disso, mencionaram em algumas passagens a necessidade de “chamarem as mulheres para uma conversa séria”.

EIXO 3 – A HOMOFOBIA E A VIOLÊNCIA ACIONADA ENTRE OS RAPAZES – EM DEFESA DA DIGNIDADE MASCULINA

O terceiro eixo que acionamos coloca em questão a relação estabelecida entre os rapazes daquela escola que parecem tomar, segundo os estudos de Rômulo Henrique Kunzler (2022), a homofobia como naturalizada. Presente em diversos momentos na escola, insultos homofóbicos foram descritos nas brincadeiras no pátio, na sala de aula, nos momentos de início e fim das atividades escolares como um mecanismo regulador das condutas masculinas. Destacamos na sequência um fragmento de depoimento de um aluno da escola

[...]a gente estava jogando e a plateia estava torcendo. se o time levasse um gol chamavam de ‘bixinha’, de ‘franguinho’, essas coisas, as pessoas que estavam jogando na linha que perdiam a bola ou perdiam um gol, eram chamadas de ‘bixinha’ e mais outras coisas [...]

As ofensas homofóbicas parecem ser proferidas no sentido de condenar e desaprovar as condutas não adequadas de alguns rapazes daquela escola e assim as prerrogativas daqueles que cumprem com as expectativas de uma masculinidade heterocentrada são reafirmadas. Assim, esse mesmo processo que visava desqualificar o outro, constitui-se

como ação que reitera a centralidade e, portanto, os privilégios das masculinidades normativas.

Tomada como prática relacional, esse jogo que expõe o inadequado e reitera a norma, dá a ver outros mecanismos a ele associados. A exemplo disso, o modo de reação à ofensa homofóbica parece se constituir como um outro tipo de exame para as masculinidades postas sob suspeição. Assim sendo, se ser chamado de “mulherzinha” naquele contexto se constituía como inegável ofensa, a maneira como lidavam com essa ofensa poderia se caracterizar como procedimento capaz reestabelecer a dignidade masculina ou colocar o ofendido em condição de maior desonra.

O modo de reação à ofensa, portanto, parece se constituir como um tipo de demonstração capaz de devolver a honradez de condutas masculinas ‘legítimas’ ou reiterar a infâmia de ser associado a características tidas como femininas e/ou dos homens gays.

É nesse ponto de conexão entre a honra manchada pelos adjetivos homofóbicos e a possibilidade de revidar a ofensa com hombridade e destemor, que as brigas parecem se constituir como algo esperado, legitimado e capaz de restituir a dignidade masculina.

EIXO 4 – NA INTERSECÇÃO ENTRE GÊNERO E RAÇA – OS MECANISMOS DAS MASCULINIDADES E AS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS MULHERES PRETAS

Ao tratar das trajetórias de mulheres pretas na região onde se inscreve a nossa pesquisa, Diênifer Monique da Conceição (2022) coleta pistas sobre os modos como a intersecção entre raça, gênero e classe funciona como um mecanismo capaz subjetivar mulheres que, apesar de reconhecerem o abuso, não o percebe como algo digno de ser denunciado. Ao narrar as redes de relações de mulheres pretas, a autora coloca em evidência um complexo aparato que envolve família, escola, trabalho e relações afetivas e conjugais que ensina as mulheres e meninas pretas a suportarem. Ora, Uma vez que partimos do pressuposto que gênero é uma categoria relacional, somos capazes de pensar que os mecanismos que subjetivam as mulheres pretas daquela comunidade, parecem de igual modo subjetivar os homens que aprendem a operar com os mecanismos de gênero e raça nos processos relacionais com as mulheres negras. Ao ouvir mulheres, foi possível produzir indícios sobre os homens e as masculinidades

violentas que ameaçam com facão, que violam meninas e batem nas crianças buscando disciplinar as mães. Diênifer ouviu três mulheres e apesar de diferentes entre si, espanta os mesmos relatos de violência. Numa cultura que produz hierarquias de gênero e raça, ser uma mulher preta e periférica significa estar sob constante risco, afinal as masculinidades forjadas sobre essas bases se movimentam sobre mecanismos que, não raras vezes, privilegiam os autores das agressões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar retomamos o argumento apresentado no início desta fala. O de que a violência, para alguns rapazes e homens daquela comunidade se constitui como um recurso que constrói e reconstrói a honra, reifica hierarquias (gênero, raça e sexualidade) e pune aquelas que transgridem expectativas de gênero instituídas e naturalizadas. Neste sentido, aciono Dagmar Meyer que nos ajuda a pensar que “é no contexto de relações de poder de gênero e sexualidade naturalizadas, sancionadas e legitimadas em diferentes instâncias do social e da cultura que determinadas formas de violência tornam-se possíveis. (2009, p. 218)

Assim, violência de gênero é concebida como ação sustentada em diferentes discursividades que designam, estabelecem e sistematizam as normas de gênero e sexualidade e, com isso, produzem um conjunto de condições que tornam os abusos possíveis (SILVA, MEYER, RIEGEL, 2021). Em meio às dinâmicas conflituosas que se transformam em violência, a assimetria e a reificação das desigualdades de gênero não só são levadas ao extremo como produzem efeitos nos processos de governo de si e dos outros.

REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO, Diênifer Monique. Mulheres negras e violência: trajetórias de vida em território marcado pelos altos índices de denúncias de crimes contra pretas e pardas no município de NOVO HAMBURGO/RS. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Educação Física. Novo Hamburgo/RS, 2002.

CORDEIRO, Maria Angelita – Nem Relaxada, nem prevalecida: expectativas de gênero em uma região de alto índice de violência contra as mulheres. Feira de Iniciação Científica (10: 2018: Novo Hamburgo, RS) Anais da Feira de Iniciação Científica [recurso eletrônico] – Novo Hamburgo : Universidade Feevale, 2018.

FONSECA, Cláudia. Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

KUNZLER, Rômulo Henrique; SILVA, André Luiz dos Santos; PACHECO, Ariane Correa . Homofobia e masculinidades na escola: um estudo em uma região de alto índice de denúncias de crimes de violência doméstica e familiar contra a mulher. In: Arnaldo Sifuentes Leitão, Mateus Camargo Pereira. (Org.). Educações Físicas: temas emergentes para mundos (im)possíveis. 1ed. Curitiba: CRV, 2022, v. 1, p. 161-176.

MEYER, Dagmar Estermann. Corpo, violência e educação: Uma abordagem de gênero. In: JUNQUEIRA, Ricardo. Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Editora MEC/Unesco, 2009.

SILVA, André, Luiz dos Santos, MEYER, Dagmer Estermann; RIEGEL, Roberta Plangg. (2021). Gênero, mulher, crime e violência: Relações e tensionamentos. Revista Educação Em Questão, 59(59). <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2021v59n59ID24637>